REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 343

1 DE JULHO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRISTO CRUCIFICADO QUE SE ERGUE NO ALTAR DA CAPELLA TUMULAR DE ALEXANDRE HERCULANO

ESCULPTURA DE SIMÕES D'ALMEIDA (Segundo photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

Um honrosissimo facto de justiça nacional faz com que escrevamos hoje no principio d'esta chronica o mesmo nome excepcionalmente illustre, que ha dez annos o Occidente encetando a sua publicação escrevia em logar d'honra na sua primeira pagina: — o nome de Alexandre Herculano.

Foi o retrato do grande homem que a Patria hontem glorificou, que inaugurou a collecção do Occidente; as gravuras do primeiro numero do nosso jornal foram todas consagradas a Alexandre Herculano e n'ellas se vê reproduzida a casa de Valle de Lobos onde o eminente escriptor morreu, a obscura egreja da Azoia onde se lhe resou o *Requiescet in pace*, o modesto jazigo onde ha quasi 11 annos foi sepultado o cadaver d'esse herculeo gigante do pensamento, e onde hontem a justiça da Patria foi buscal-o triumphalmente para o pantheon dos seus grandes homens.

O artigo que então acompanhou nas columnas do nosso jornal o retrato de Alexandre Herculano, um artigo notabilissimo como todos quantos saem da penna prestigiosa de Antonio Ennes, começava por estes periodos:

«Ha mais de trez mezes que Alexandre Herculano trocou o seu primeiro jazigo, Valle de Lobos, pelo mais cerrado e humilde da Azoia, e a indifferença publica, que elle requestou vivo, ainda não ousou guardar-lhe o nome n'esse archivo, verdadeiro limbo das glorias nacionaes, que os portuguezes não mostram conhecer senão quando o inculcam, mais por jactancia do que estimação consciente, a algum vesitante estrangeiro.

«Ainda se falla d'elle: por excepção arrefeceu mais depressa o seu cadaver do que as lagrimas que o banharam.»

. . . .

«Não deixemos pois, nós, discipulos, parar a vida posthuma que começou para o mestre, suspender a obra do templo, que lhe vae crescendo sobre a sepultura.»

E Portugal cumpriu briosamente d'esta vez o seu dever: não deixou parar essa obra de justiça: muitos tres mezes passaram sobre o dia 13 de setembro de 1877 e cada vez se falla mais em Alexandre Herculano, e dez annos depois d'elle ter trocado *o seu primeiro jazigo, Valle de Lobos, pelo mais cerrado e modesto da Azoia*, a Patria trocou-lhe o mais cerrado e modesto jazigo da Azoia, pelo mais brilhante e glorioso monumento de Portugal — o templo dos Jeronymos.

A Patria pagou assim uma divida sagrada para com o seu illustre filho.

Acompanhando a gravura que representava o jazigo de Herculano, o Occidente escrevia em janeiro de 1878:

«A gratidão nacional deve por certo ao auctor da nossa *Historia* e de tantas obras primas um monumento condigno; emquanto porém o não levanta, o modesto tumulo junto á porta da egreja da Azoia deve ter aos nossos olhos as proporções colossaes das cryptas realengas.»

A gratidão nacional cumpriu o seu dever, e em 28 de junho de 1888 deu ao auctor da sua *Historia* o monumento mais digno d'elle, aquelle a que se prende a recordação gloriosa das paginas mais brilhantes d'essa historia de que elle foi o giganteo obreiro, aquelle em que dormem o grande somno D. Manuel, Vasco da Gama e Luiz de Camões.

E como, com uma eloquencia excepcional, disse na sua oração funebre, a que mais adeante nos referiremos, o sr. Alves Mendes, que não é só o primeiro dos nossos oradores sagrados, mas um dos maiores oradores portuguezes: — ao pé das cinzas de Camões: — o estro da Patria, de Gama: — a força da Patria: e de Manuel: — a grandeza da Patria, nenhumas cinzas mais gloriosas que as cinzas de Herculano: — o genio, o assombro, a honra adamantina, a lingua vibrante, e a penna refulgentissima da Patria: — Herculano que a tão especiosos titulos, como se a alma portugueza subisse inteira aquella laureada cabeça e se reflectisse toda no azul d'aquelles olhos vivissimos, sobrepõe ainda o de propugnador acerrimo e superrimo dos monumentos da patria. As grandes arvores parecem maiores quando dominam uma floresta: este gigante mais se avoluma, defrontado com taes gigantes!»

Mezes depois de Alexandre Herculano morrer, nos principios do anno de 1879, reuniu-se nos paços do concelho um grupo de amigos, de discipulos e de admiradores do grande escriptor e nomeou uma commissão, que ficou sendo presidida pelo sr. Roza Araujo, para tratar de uma homenagem nacional e grandiosa á memoria gloriosa do illustre morto.

Essa commissão abriu uma subscripção nacional que produziu cêrca de cinco contos de réis, contribuindo para ella com um conto de réis a camara municipal de Lisboa, e com duzentos mil réis a camara de Santarem.

O resultado da subscripção era pequeno para as despezas que havia a fazer, e o governo concorreu então com doze contos.

A commissão fez erigir um grandioso tumulo monumental na casa do capitulo do extincto convento dos Jeronymos, e no dia 28 ahi foram encerrados solemnemente com todo o apparato e imponencia d'uma festa nacional os restos de Alexandre Herculano.

No dia 27, ás 8 horas da manhã, partiu para Santarem o comboio funebre que devia trazer para Lisboa os ossos do grande escriptor.

N'esse comboio foram, além da commissão, os srs. duque de Palmella, Pinheiro Chagas, Francisco Maria da Cunha, representantes dos jornaes de Lisboa, pessoal superior da companhia dos caminhos de ferro, que poz graciosamente o comboio ao serviço da commissão para esta solemnidade.

Chegados a Santarem ás 9 horas e meia, a commissão e os convidados seguiram para Azoia a buscar o feretro.

O cadaver de Alexandre Herculano, encerrado n'uma urna de carvalho do norte com ornamentações de bronze, fôra entregue pela viuva do historiador ao sr. duque de Palmella, e estava collocada no meio da egreja, sobre o catafalco e envolta n'uma bandeira portugueza.

Quando se encerrou a urna, o sr. dr. Peixoto, presidente da commissão executiva da junta geral do districto, disse algumas palavras sentidas, fazendo o elogio do illustre morto, e despedindo-se em nome do districto de Santarem d'aquellas cinzas venerandas, que constituiam um dos seus padrões mais gloriosos.

Em seguida o parocho da Azoya celebrou uma missa funebre, a que assistiu tudo o que ha de mais distincto e illustre no districto de Santarem, e como representante da familia de Herculano, o sr. Joaquim Rodrigues d'Andrade, sobrinho do illustre morto.

Terminadas as cerimonias religiosas, passou-se á leitura e assignatura do auto de trasladação, e cêrca da 1 hora da tarde foi levantado o caixão do catafalco e deposto no carro da bateria n.º 1 de artilheria 3, seguindo pela estrada da Azoia até Santarem, precedido por umas trinta e tantas carruagens e seguido por enorme multidão.

Ás 2 horas e um quarto chegou o cortejo á *gare* e d'ahi a cinco minutos partiu no comboio para Lisboa, fazendo a viagem com toda a velocidade, de modo que á hora marcada, ás quatro da tarde, parava o comboio funebre na estação de Alcantara. Ahi esperava-o muita gente, representantes d'el-rei e da rainha, ministros, pares do reino, deputados, academicos, homens de lettras, jornalistas, professores, commissões de varias associações e sociedades, e grande concurso de povo.

De Alcantara para os Jeronymos o caixão foi transportado n'uma berlinda puchada a quatro parelhas. Nos angulos do carro e sobre o athaude nove corôas, entre ellas uma grande corôa de perpetuas que por occasião da morte do grande escriptor fôra enviada do Porto para a Azoia, e tinha esta rapida e eloquente inscripção:

A Alexandre Herculano
13—9—77
UM HOMEM DO POVO

Nos Jeronymos onde o cortejo chegou ás 6 horas da tarde o caixão foi recebido pelo parocho de Santa Maria de Belem, e conduzido por entre as alas dos alumnos da casa pia, até um catafalco onde ficou essa noute.

No dia 28 ás 11 horas e um quarto da manhã, perante uma assistencia numerosissima, em que estavam representadas pelos seus mais distinctos membros todas as classes pensantes do paiz, começou a cerimonia religiosa por uma missa celebrada pelo sr. bispo da Bethesaida, dr. Ayres de Gouveia, acolytado pelos priores de Santa Maria de Belem e da Sé.

Finda a missa, a orchestra regida pelo maestro Gaspar, executou a famosa marcha funebre de Choupin, que produziu um extranho effeito echoando n'aquellas gigantes e imponentes abobadas.

Em seguida, o distincto amador o sr. D. José d'Almeida cantou excellentemente uma aria de Stradella, e o sr. dr. Alves Mendes subiu ao pulpito a fazer a sua oração funebre.

O que foi essa oração, não é facil de dizer: um assombro de talento e de eloquencia, um dos mais notaveis triumphos oratorios, que temos visto no nosso paiz.

Durou cerca de 2 horas essa oração e durante todo esse tempo o publico fascinado pelo verbo brilhantissimo, pela palavra prestigiosa de Alves Mendes, a custo podia reprimir os bravos que involuntariamente lhe accudiam aos labios.

Essa notabilissima oração vae ser impressa na integra e tomará assim logar proeminente na nossa litteratura, como um dos modêlos mais monumentaes da eloquencia moderna.

Em seguida á oração funebre entoou-se o *Libera-me*, e o feretro foi conduzido para o mausoleu, ao som da marcha funebre de Chopin.

Eram duas horas da tarde quando os restos do grande escriptor entraram no mausoleu, sendo pelo canteiro Euzebio de Brito collocada a lapide funeraria que tem a seguinte inscripção:

«*Aqui dorme um homem que conquistou para a grande mestre do futuro, para a historia, algumas importantes verdades.—A. Herculano.*»

E assim terminou essa brilhante e gloriosa ceremonia, assim na phrase maravilhosa de Alves Mendes: — «sob aquelles claros horisontes, á beira do formoso Tejo emoldurado de tantas maravilhas artisticas, no seio d'aquelle augusto monumento que resalta, fulvidamente tisnado, entre o espelho das aguas e o espelho dos ceus, adjacente a essa egreja que é um padrão de fé e ao fundo d'aquelle claustro que é um poema cyclico, engastou a gratidão portugueza, cinzelado como uma joia grega, o sarcophago de Alexandre Herculano. Bravo! Perfeitamente justo!»

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CHRISTO CRUCIFICADO

DA CAPELLA TUMULAR DE ALEXANDRE HERCULANO

A chronica d'este numero do Occidente é toda dedicada ao grande historiador portuguez Alexandre Herculano, á trasladação dos seus restos mortaes para o mausoleu expressamente construido, na que foi casa do capitulo do extincto convento dos Jeronymos, transformada em capella tumular.

D'esta capella esperamos brevemente publicar uma gravura, e para essa occasião reservamos a descripção d'este famozo monumento e do mausoleu, outra maravilha de pedra, que nos recorda consoladoramente que a raça dos artistas que ergueu o sumptuoso convento dos Jeronymos e da Batalha, ainda não se extinguio, por entre o abatimento moral e descrença do proprio valor, que caracterisa a nossa vida de hoje.

É no altar d'esta capella que se ergue um Christo crucificado, bella esculptura em pedra, do esculptor Simões de Almeida, que mais uma vez affirma o seu talento e a sua mestria em uma obra d'arte primorosa.

A figura é de tamanho natural e foi tambem estudada do natural, tendo o modelo sujeitado-se a estar na posição violenta do crucificado, e tendo a posição das mãos, atravessadas pelos cravos, sido estudada no theatro anatomico do Hospital de S. José, em um cadaver, ao qual se pregaram as mãos para vêr a posição que os dedos tomavam.

É, portanto, rigorosa e perfeitamente estudada a attitude da figura, esculpida na pedra com toda a sciencia anatomica da grande esculptura.

A expressão tem toda a dôr e resignação do martyr, e não conhecemos na esculptura moderna religiosa obra que se sobreleve a esta.

Sobre o altar e aos lados do crucificado ha duas grandes lápides em que se lê uma traducção feita por Alexandre Herculano do cantico dos Ramos — *Gloria laus et honor*, e é a seguinte:

A ti, a quem o infante Hosanna pio
Ergueu, ó Redemptor,
Ó Christo, ó Rei, a ti gloria perenne,
A ti honra e louvor!
Inclyta prole de David, ó Christo,
Tu és Rei dos judeus:
Bemdito Rei, que do Senhor em nome
Á terra vens dos Céos.
Em eternas canções os córos de anjos
Louvam-te nas alturas;
Na terra o homem mortal, e no universo
Todas as creaturas.
Outr'ora o povo hebreu veiu encontrar-te
Com triumphantes palmas:
Hoje a teus pés a prece, o voto, os hymnos
Vem depôr nossas almas.
Elles o culto de louvor te davam
A ti que ias morrer:
Hoje a ti, ó Rei e vencedor da morte,
Nos cabe um canto erguer.
Tu, que os seus cultos acceitaste, ó Santo,
O' clemente Senhor,
Rei que abençoas o que é justo, acceita
Nosso submisso amor.

Esta traducção foi feita na Torre do Tomo a pedido de um amigo de Herculano, a que elle satisfez de prompto.

O altar é de grande simplicidade, severo e grandioso, e a figura de Christo, tão sentidamente reproduzida na frieza da pedra, impõem-se docemente ao respeito e á contemplação dos que a vêem.

Breve, como dissemos, voltaremos á capella tumular de Alexandre Herculano, e nos referiremos á benemerita commissão que levou a cabo obra tão grandiosa e completa.

UM BARCO DE PESCADORES DE LOANDA

A pesca é uma das industrias mais primitivas do homem, e na nossa Africa ella é extremamente elementar, o que não impede de ser farta, tal é a abundancia de peixe que vive nas aguas africanas.

Em Loanda o mercado de peixe é abundante, o que equivale a dizer muito barato, e as classes pobres, o preto, alimenta-se principalmente de peixe, acompanhado a farinha de mandioca.

Os pescadores, em Loanda, constituem uma familia separada dos outros pretos; vivem na ilha de Nossa Senhora do Cabo, e são conhecidos pelo nome de *muxiluandas*.

Elles fabricam os barcos em que pescam e a que chamam *dongos;* são feitos de uma só peça, de um tronco cavado de *mafumeira*, madeira muito leve, e apenas lhe pregam no bordo umas taboas que servem de assento e de fortalecer o pequeno batel.

As redes de que se servem são fabricadas por elles proprios, com fio europeu; os pesos que os nossos pescadores usam de chumbo, elles empregamnos de barro cozido de fórma espherica; e a cortiça das boias é substituida por madeira de *mafumeira*, de que é feito o barco, e tão leve como a cortiça.

As velas são feitas de esteiras de *mabela*, palha muito fina e resistente, mais leve que a lona usada na Europa.

N'estes barcos os *muxiluandas* não tem duvida de se aventurarem ao mar largo em busca de peixe. Se a canoa se vira, facilmente a fazem tomar a posição normal, e os *muxiluandas* apenas tomam um banho forçado e perdem o peixe que já tenham colhido.

Outro tanto não acontece aos nossos pobres pescadores, que muitos são victimas da furia do mar, que lhe leva as vidas e os barcos.

O *dongo* dos *muxiluandas* tem por isso grande vantagem sobre os barcos dos pescadores europeus, apesar da sua construcção elementar.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

A SECÇÃO AGRICOLA

É impossivel descrever completamente esta installação, a mais notavel d'aquelle certamen do trabalho nacional, porque, além de não estar publicado o seu catalogo, muitas das regiões agronomicas não ostentam nas respectivas montras certos productos, embora enviados pelos expositores, e que estão na cave da exposição mas que ainda não foi possivel collocar.

Teem sido inexcediveis na direcção d'este trabalho os srs. Elvino de Brito, Jayme Pinto, Gerardo Pery, Jorge de Mello e Carlos Campos.

Encontram-se ali em uma admiravel disposição as nove regiões agronomicas do continente: 1.ª *D'entre Douro e Minho*, 2.ª *Trasmontana ou terra fria*, 3.ª *Duriense ou terra quente*, 4.ª *Litoral*, 5.ª *Montanhosa*, 6.ª *Este central*, 7.ª *Oeste central*, 8.ª *Sueste*, 9.ª *Sul*.

Em cereaes, cortiças, vinhos, azeites, ortiga branca, beterraba etc, acham-se ali largamente representadas a 1.ª região pelos seus districtos do Porto, Braga e Vianna do Castello;—2.ª pelos de Villa Real e Bragança, menos os concelhos d'estes districtos, que pertencem á região immediata na ordem numerica;—3.ª por Mesão Frio, Santa Martha, Peso da Regoa, Sabrosa e Alijó, concelhos do districto de Villa Real; Carrazede de Anciães, Villa Flôr, Alfandega da Fé, Moncorvo e Freixo de Espada á Cinta, do districto de Bragança; Rezende, Lamego, Armamar, Taboaço e S. João da Pesqueira do districto de Vizeu; e o concelho de Villa Nova de Foscôa do da Guarda;—4.ª pelos districtos de Aveiro, Coimbra e Leiria;—5.ª pelos de Vizeu e Guarda, excepto os concelhos comprehendidos na 3.ª região;—6.ª pelos de Castello Branco e Portalegre;—7.ª pelos de Lisboa e Santarem;—8.ª os de Evora e Beja; e a 9.ª região representada por todo o seu districto de Faro completa a exposição agricola de todo o continente.

A parte insular é representada por tres regiões: 10.ª, 11.ª e 12.ª

A primeira d'estas, *Madeirense*, expõe o seu districto do Funchal;—a segunda *Açoriana oriental*, o districto de Ponta Delgada;—a ultima *Açoriana occidental*, o districto de Angra e o de Horta.

É tão completa, tão brilhante, esta exposição agricola das forças vivas do paiz que se fosse possivel apresental-a, assim, n'uma exposição do extrangeiro, Portugal, passaria immediatamente do *estadio* soez de truão pequeno á liça aberta das nações nobilitadas pelo trabalho!

Mas é forçoso que assim seja. E se o sr. conselheiro Elvino de Brito com a sua inexcedivel actividade conseguir despertar nas regiões officiaes o appoio necessario a fim de que a nação portugueza apresente em Paris a secção agricola tal como hoje todos a admiram e applaudem, creia que o seu nome ficará immorredoiro no coração dos agricultores portuguezes, e firmará na historia um plintho glorioso para a estatua do progresso nacional.

Quem, como Elvino de Brito, conseguiu, em meia duzia de dias, erguer nos campos de Val de Pereiro a mais completa exposição pecuaria que se tem visto na *Peninsula*, riscou do diccionario portuguez a palavra *impossivel*.

Já que esquecemos Barcelona, é preciso não perder a exposição de Paris; appellamos para Elvino de Brito, a fim de que elle com o fogo da sua mocidade, a força do seu talento e sua energica vontade poderosa, consiga a nossa comparencia n'esse congresso do trabalho e faça vêr aos governos da Europa que não devemos ser expropriados para utilidade extrangeira, como o sonha a Hespanha com a sua eterna miragem de Marrocos, Gibraltar e Portugal!...

Eu creio que n'este enthusiasmo pelas nossas cousas, me affastei do verdeiro rumo a que este artigo devia governar. Agora reparo que outro nome de benemerito nas cousas agricolas me acode aos bicos da penna, o do meu ex.mo amigo e digno par do reino, sr. Franscisco Simões Margiochi.

Saindo da galleria *Moraes Soares*, onde está alojada a secção agricola, atravessa-se uma parte dos *squares* do floricultor Loureiro, do Porto, e o primeiro annexo que no sentido norte se nos depara é o do sr. Margiochi.

De passagem sempre diremos que o sr. Loureiro, expositor de horticultura, apresenta, entre a secção agricola e o estabelecimento a que nos vamos referir, um feto lindissimo que tem sido admirado pelos nossos botanicos.

Estes *squares* da exposição além de adorno são, alguns, montras de especies muito notaveis, recommendamol-os aos especialistas pelo seu valor, e aos profanos, aos mais alheados da floracultivada, pela frescura que ali se goza descançando nos bancos elegantemente protegidos pelos seus toldos listrados de vermelho e branco.

INSTALLAÇÃO MARGIOCHI

Em nenhuma exposição concorrem, tão completamente, as individualidades do agricultor, que executou á risca n'uma só installação o programma da direcção geral de agricultura, com a do agronomo talentoso, como na do digno par do reino Francisco Simões Margiochi.

Na exposição agricola de 1884 o sr. Margiochi alcançou o premio de honra; que este não foi a recompensa de um esforço de artificio, temos hoje a prova na actual exposição onde ao lado do exemplar está a sua producção real.

N'esta installação temos exemplares de mineralogia, solos araveis (flora expontanea), junça, amostras de lenha, discos, pranchas etc.; especies arboreas, collecção de parras naturaes de vinha (flora cultivada); fauna domestica e selvagem, gado, reptis, alguns molluscos vivos do rio Xarrama que atravessa a villa Margiochi do *Monte das Flôres* em Evora. A estatistisca ali se encontra representada na escripturação da colonia agricola do *Monte das Fôres*, mappas da producção, movimento, creação, entrada e saida de diversos generos, divisão do trabalho etc.

No fundo da installação ha um soberbo tropheu da alfaia alemtejana, trabalhada nas officinas Margiochi, composto de arado, tendal, pina, taleira e rodas de um carro alemtejano;—observando-se em toda esta exposição completa obediencia ao estatuido no grupo 6.º classes 2.ª e 8.ª do programma.

Esta installação é um documento indiscutivel de talento do sr. Francisco Simões Margiochi, e do amor que as cousas do seu paiz lhe teem merecido.

SECÇÃO DAS MATTAS E FLORESTAS DO REINO

Consta esta exposição, de madeiras nacionaes, modelos em relevo da arborisação de montanhas na serra da Estrella, ferramentas empregadas na fixação de dunas, gabinete de botanica, fauna selvagem, applicação á industria das madeiras do Bussaco, aproveitamento e exploração, essencias indigenas e exoticas naturalisadas etc. A fim de se avaliar a qualidade especial de madeira que deve usar-se nas diversas secções da construcção naval, ha um bello modelo reduzido á escalla da prôa quilha e popa de um vapor para helice.

Por este modelo demonstra-se tambem que nas florestas de Leiria e Bussaco ha madeira apropriada para estas construcções.

Outro modelo, reduzido á escala, é o de um estaleiro sob um grande telheiro que abriga os postes telegraphicos a fim de serem injectados de sulphato de cobre, pelo systema de Boucherie, junto ergue-se o mirante em que assenta a machina para a injecção do sulphato. Em volta vêem-se exemplares já injectados da ponta e do pé dos postes, em tamanho natural.

Mostra-se tambem ali uma collecção de exemplares do pinho empregado nas travessas de linhas ferreas, postes telegraphicos e entivação de minas, em terrenos schistozos e carboniferos;—e o processo da extracção de resina de pinheiro bravo, Leiria, e seus derivados: terebentina, aguaraz, pez loiro, rezina amarella, etc.

CHALET DE SUA ALTEZA REAL O SENHOR D. CARLOS

É, como se mostra no nosso desenho, um chalet rustico, muito elegante.

Presidio á sua construcção o senhor D. Carlos, em pessoa, e á installação e arrumado das suas exposições o nosso amigo D. Jorge de Mello.

A sua alteza devemos agradecer o ter vindo ao seio da commissão executiva, no meio dos devotados trabalhadores a quem se deve a exposição agricola industrial, trabalhar como qualquer d'elles.

Instrumentos de lavoura, forcados, pás e forquilhas servem de gallerias das portas e janellas, no interior do *chalet*, e suspendem em ar de bambinellas mantas do Alemtejo presas aos alisares com colleiras de cabrestos, dando assim á elegante sala um aspecto campesino muito nacional.

Ao meio da installação ha um formoso centro, sustentando centenas de garrafas com vinho de pasto, branco e tinto, azeites, agua-ardente, etc.; em volta blocos de cortiça, amostras de cereaes, exemplares de aves habitantes de Vendas Novas e Villa Viçosa, cortiça virgem, e um curioso bloco da mesma substancia vegetal, mostrando as diversas *tiradas* no tronco de uma arvore durante um seculo.

Além de amostras de ladrilho, tijolo forneiro, e telha fabricada em Villa Viçosa, encontra-se ali uma variada colleção de madeiras, classificada por sua alteza real, das suas propriedades de Vendas Novas e Villa Viçosa, e são: amoreira, freixo, pinho, thuya, pinho de Flandres, accacia, eloendro, ulmeiro, azinho, eucalyptos, larangeira, choupo, zambujeiro, carvalho, sobreiro, accacia

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

VISTA GERAL DOS ANNEXOS OU INSTALLAÇÕES PARTICULARES DA EXPOSIÇÃO

(Desenho do natural por J. R. Christino)

espinhosa, salgueiro negral, macieira, nogueira preta, e pinheiro manso.

Além da sala da exposição, o *chalet* tem ainda uma divisão interior; é um gabinete forrado de tapeçaria a grandes fachas verde-escuro e brancas, ricamente mobilado, onde o principe lavrador costuma descançar.

COMPANHIA REAL PROMOTORA DA AGRICULTURA PORTUGUEZA

Apresenta machinas e productos da grande fabrica da Povoa de Santa Iria; n'esta installação respira-se um tom pratico, commercial, de abastança que muito depõe em seu favor. É tambem muito interessante a planta em vulto da fabrica da Povoa, com o rio Tejo, estrada real, caminho de ferro, alojamentos e officinas.

(Continúa). *Manuel Barradas.*

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

PROJECTO DE FACHADA PARA A ESTAÇÃO DO ROCIO PELO ARCHITECTO SR. JOSÉ LUIZ MONTEIRO

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A ESTAÇÃO DO ROCIO

Já démos, em anteriores numeros, descripção minuciosa d'este edificio, na sua disposição interior; completamol-a hoje com a gravura da frontaria que olhará para o largo do Camões, desenho e projecto do distincto architecto sr. José Luiz Monteiro.

N'esse projecto, o sr. Monteiro conseguiu grandes difficuldades, taes como adaptar o velho estylo manuelino ao fim commercial a que o novo edificio se destina, não só dando ás portas de entrada a configuração da dupla bocca do tunnel, que é o caracteristico principal d'esta importante obra, como abrindo-lhe no primeiro pavimento largas e elegantes janellas para que no interior haja a luz e ar indispensaveis a um estabelecimento d'esta ordem.

Pena é, todavia, que a collocação do edificio seja n'um local em que a sua muita elegancia perderá todo o brilho, encravado, como fica, em meio de outras construcções modernas, entalado, por assim dizer, ao canto de um largo acanhado e sem o desafogo necessario para que de longe possa admirar-se a belleza de tal construcção.

Do effeito que faz uma fachada de estylo pesado e artisticamente antigo entre construcções modernas, temos um claro exemplo na da egreja da Conceição Velha, e mais essa recebe de frente fartura de luz, virada, como está ao sueste e em alinhamento com uma das faces de uma rua larga e comprida.

Ao edificio da estação do Rocio não succederá o mesmo, e, francamente, temos pena de o vêr construir ali, recolhido e apertado, sem horisontes nem meio de ser visto senão de frente e de perto, emquanto, por uma combinação qualquer que é mister se faça, não lhe forem tirados do lado esquerdo todos os predios que ficam entre elle e a avenida.

Emquanto tal não succeder, quem vier da praça dos Restauradores não poderá ver o elegante edificio, e quem d'elle sahir, só chegando ao centro da rua verá que para a esquerda se lhe abre a grande arteria que é hoje a maior belleza no centro de Lisboa.

Depois não vemos motivo para que, n'uma construcção d'esta ordem, se adoptasse aquelle estylo pesado que faz a gloria da nossa architectura, que tão proprio é para um edificio que abrigue um museu ou uma egreja, mas que reputamos improprio para uma estação de caminho de ferro em que, a nosso vêr, a ideia de progresso e de todos os adiantamentos da sciencia moderna está resaltando da fórma a mais evidente.

Seria isto mesmo um incentivo, e cremos que a occasião era a mais propria, para ser aproveitada, para estudarmos e adoptarmos um estylo que, sem ser filiado nos exemplos estrangeiros, podesse ser portuguez elegante e proprio para tal fim.

Não temos estylo nosso? Creamol-o.

Não se cria um estylo architectonico como se faz enredo para uma comedia? Tentemos todavia encaminhar o nosso espirito para alguma nova disposição, visto que a uma nova applicação se destina o edificio.

E, sobre tudo, quereriamos ali uma construcção leve, de farto numero de janellas, de uma apparencia risonha, que melhor representaria a entrada de uma obra tão genuinamente moderna como aquella.

O que se fez no Porto, para a estação da companhia carris de ferro, em Cadouços?

Foram-se despoeirar dos velhos archivos os desenhos dos rendilhados claustros da Batalha? Não.

Foi mister crear um estylo novo que passasse á renovação dos seculos como á nossa passaram a ideia e engenho dos architectos de D. Manuel?

Adoptou-se simplesmente um genero novo, dando ao interior da sala a apparencia de um carro dos da companhia; serviu a plataforma de varanda, os assentos de balcão longitudinal; e quando o viajante estrangeiro ali entra, acha curioso o invento e registra-o nos seus apontamentos de viagem.

Em relação á estação do Rocio o mesmo viajante sentir-se-ha, como nós, suffocado ao con-

templar apenas á distancia de poucos metros, um tão pesado edificio e inscreverá no seu *portfeuille*, como nós aqui o inscrevemos: — muito bonita mas muito impropria.

M. C.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Continuado do n.º 340.)

Pelo mesmo tempo o conde de Oeiras ordenára tambem ao chanceller da relação do Porto que mandasse a Coimbra dois desembargadores que lhe indicava «ou outro ou outros de egual prestimo e confiança» dirigidos ao seu collega Thomaz Antonio de Carvalho Lima e Castro, que estava já n'aquella cidade. Coube essa diligencia a Luiz Estanislau da Silva e Antonio de Sequeira da Gama e Ayala, desembargadores da relação e casa do Porto.— «Os dois ministros — escrevia ao chanceller o futuro marquez de Pombal — devem partir em segredo com carruagens alugadas aos dias, havendo-as, ou a cavallo, na falta d'ellas, sem declararem o logar a que vão dirigidos. Com a mesma cautella deve v. m.ce fazer partir para a referida cidade de Coimbra todas as seges e liteiras de aluguer que n'essa cidade se acharem, sendo tambem alugadas aos dias por differentes officiaes, e declarando sómente aos arrieiros que vão alugadas para a cidade de Aveiro para depois se lhes ordenar no logar opportuno a verdadeira estrada que devem seguir para Coimbra.» — O desembargador Lima e Castro era simultaneamente avisado para preparar as conducções que achasse mais á mão de seges e liteiras para os velhos, e de bestas de cavallaria para os moços, a fim de passarem ao porto de Vallada os regulares da Companhia de Jesus reclusos n'aquella cidade, ou os que constavam da relação que lhe mandava, e os mais que houvesse professos do quarto voto e profissão solemne, posto que não mencionados na dita relação. Deviam sahir de Coimbra á noite, acompanhados pelos desembargadores Silva e Ayala, e por uma força de 25 cavallos, com um capitão, um tenente e um alferes, medindo as jornadas de sorte que passassem tambem de noite por Santarem ou fizessem por fóra d'esta villa o seu caminho para Vallada. Não podiam, bem entendido, no seu egresso e durante a jornada, communicar com pessoa nenhuma de qualquer estado ou condição. Ampliando estas instrucções, dizia ainda o conde de Oeiras em outra missiva da mesma data: — «Tudo o que forem padres do quarto voto devem logo passar a esta côrte. O mesmo se deve praticar com os leigos que houverem feito profissão solemne. Havendo alguns totalmente decrepitos, entrevados, estuporados, ou com doença actual que os tenha obrigado a remedios maiores, é preciso que v. m.ce me remetta a relação d'elles, separada da que me mandar dos outros padres que forem transportados, para sua magestade dar a necessaria providencia.» Por ultimo, recommendava-lhe que era muito urgente a partida para Lisboa.

O corregedor e o juiz do crime de Santarem esperavam em Vallada os dois desembargadores do Porto «com seis bateiras boas, e boas companhas» para a conducção dos jesuitas de Coimbra, que lhes cumpria tambem acompanhar, dirigindo-se todos ao forte da Junqueira, onde deviam chegar de noite.— «E porque a contingencia dos ventos e marés — ponderava o conde de Oeiras ao desembargador Silva em 3 de outubro — póde fazer com que v. m.ce chegue a Lisboa de dia, n'este caso deve v. m.ce dar fundo em Marvilla ou defronte do Beato Antonio, para de lá proseguir a sua viagem quando anoitecer, despachando-me sempre por cautella o portador d'esta para tudo se achar prevenido na hora certa em que v. m.ce chegar ao referido forte.»

Constou no dia seguinte que os jesuitas de Coimbra chegavam na noite de 6, e por isso foram logo mandados ir na vespera a Azeitão os desembargadores Manuel Ignacio de Moura e Romão José da Rosa Guião com o fim de extrahirem da casa de custodia 64 reclusos para tambem se embarcarem para Italia: sacerdotes do quarto voto, coadjutores espirituaes e temporaes formados, religiosos de votos simplices, minoristas e leigos que haviam pertencido á casa professa de S. Roque e aos collegios de Santo Antão, de Santarem e de Evora.

Foram os dois magistrados para Coina «em um bom escaler, com doze remos e com decente toldo.» Já alli encontraram promptos os carros e as bestas para o transporte desde Azeitão até áquelle porto, e de passo deixaram embargados os barcos precisos para a viagem dos exilados na noite de 6.

Receioso que pudessem lá estar os leigos que foram companheiros dos chamados *Padres do Paço*, que eram o padre José Moreira, o padre Timotheo de Oliveira, o padre Jacintho da Costa, o padre Manuel de Campos e o padre José de Araujo, o conde de Oeiras recommendou terminantemente ao desembargador Novaes que esses cinco leigos deviam ainda continuar reclusos em Azeitão.

No mesmo dia era avisado o desembargador João Ignacio Dantas Pereira, corregedor do crime da côrte e casa, para estar a 6, logo que se fechasse a noite, no forte da Junqueira, «e na parte do rio que fica defronte d'elle», esperando os desembargadores Silva e Ayala com os jesuitas de Coimbra, e os desembargadores Moura e Guião com os da casa de custodia, os quaes deviam embarcar nos transportes fundeados defronte do forte. Para auxiliar essa importante diligencia, em tudo que fosse mister, o marquez de Tancos, governador das armas d'esta côrte e provincia da Extremadura, mandou ás 8 horas da noite para o caes de Belem uma força de 60 bayonetas e 20 dragões, immediatamente subordinados ao corregedor do crime. E, como já succedêra por occasião do primeiro embarque, os desembargadores Estevão Pedro de Carvalho e José de Seabra e Silva foram mandados para bordo com o fim de tomarem conta dos regulares expulsos e de os guardarem até elles irem pela barra fóra.

Foi assim que em segredo, e pela calada da noite, cercados de seguros ministros, de soldados escolhidos, e ainda das rondas do mar, compostas das melhores praças dos regimentos de marinha, passaram «em directa descarga» para os navios ragusanos os jesuitas da casa de custodia e os vindos de Coimbra, á excepção de 6 — o reitor, o procurador geral e mais 4, que foram logo remettidos para Azeitão, por não estarem nos termos de sair do reino.

Entraram no *Santa Maria Magdalena* os padres que tinham sahido da casa de custodia de Azeitão, e no *S. Boaventura* os vindos de Coimbra.

Na mesma noite desamarraram as duas embarcações, levando de Portugal mais 122 jesuitas.

Relação extrahida do auto de entrega de 133 jesuitas, de Evora, Béja, Faro, Portalegre, Villa Viçosa, Santarem e Lisboa, a bordo do brigue S. Nicolau, *capitão José Orebich, em 16 de setembro de 1759.*

Jesuitas de Evora, Béja, Faro, Portalegre e Villa Viçosa: — Francisco de Mattos, Antonio Telles, Pedro Telles, Ignacio de Almeida, Manuel Furtado, Leonardo de Mira, Ignacio Telles, José Pinto, Antonio Vieira, Jeronymo Mendes, Estevam da Silva, Antonio da Costa, Manuel da Silva, Miguel de Lima, Braz Correia, Martinho Galvão, José de Faria, Guilherme da Silva, Joaquim de Campos, Antonio Marques, Manuel de Almeida, Manuel Esteves, Pedro Aranha, Antonio da Palma, Domingos Nogueira, Sebastião da Veiga, José Godinho, Antonio Couceiro, João Pinheiro, Matheus Guerreiro, Manuel da Costa, Agostinho Correia, Sebastião de Abreu, Bernardo Ferraz, Luiz Cardeira, Timotheo Soares, José Bernardes, Thomaz Saraiva, Antonio Pacheco, Antonio Ribeiro, João Teixeira, Francisco de Sousa, José Leonardo, Pedro Caetano, Manuel de Bastos, Bernardino Correia, João de Borja, Innocencio de Almeida, João da Fonseca, Thomé de Almeida, Alexandre Vidigal, Antonio Ignacio, Francisco Pinheiro, Ignacio da Ponte, Manuel Godinho, João Leitão, Hilario José, João Sanches, José Ribeiro, Antonio de Valladares, João Cotrim, Manuel Ribeiro, Bartholomeu Pereira, Ignacio Ribeiro, Francisco de Mendonça, José Martins, Manuel Pinheiro, João do Amaral [1].

De Santarem: — Ignacio Monteiro, Antonio de Mira, Thomé Nunes, Francisco Leitão, Alexandre da Cruz, Verissimo Godinho, Francisco Pacheco, João Xavier, Luiz de Gouveia, Francisco Nunes, Francisco Henriques, João de Moura, Henrique José, Manuel da Cruz, Domingos Alves, Francisco Cardozo, Felix Carrilho, João Farinha, José Lobo, Patricio Martins, Martinho Borges, Ignacio Borges, Antonio da Fonseca, Joaquim de Zuniga, Dionizio Franco, Manuel Paes [1].

De Lisboa (Cotovia, Santo Antão e S. Roque): — Thomaz Henriques, Antonio de Gouveia, Bento da Motta, João de Veras, José Machado, Luiz José, José Caeiro [2], Antonio Salgado, Euzebio da Veiga, João Vignier, Pedro Alexandre, Manuel de Castro, Bartholomeu Vasques, Luiz Correia, Pedro de Alfurja, Braz de Andrade, José de Sampaio, Ignacio de Carvalho, José de Seixas, Nicolau de Gouveia, Nicolau Ribeiro, José Galvão, Francisco Froes, Ignacio Antonio, João Antunes, João Alberto [3].

De S. Roque: — Victorino Pacheco, Jacintho dos Santos, José Rangel, Simão de Almeida, Francisco Romão, João de Valladares, João do Valle, Placido Franco, Lucas de Sousa, José da Silva, Francisco Correia, João Soares.

Relação extrahida do auto de entrega de 64 padres da Companhia de Jesus, da casa de custodia de Azeitão, a bordo do navio Santa Maria Magdalena, *capitão Thomaz Mladienouich, em 6 de outubro de 1759.*

Domingos Nunes, José Joaquim, José dos Reis, João Nepumoceno, Bento de Magalhães, Manuel do Couto, Manuel de Andrade, Thomaz Luiz, Bento Duarte, José Francisco, Bernardo da Silva, Antonio Ignacio, Cesario Vieira, Pedro Paulo, Francisco Martins, Francisco José, Manuel do Rego, Christovam de Aguiar, Antonio Vidigal, Manuel Correia, José Affonso, Jeronymo Nogueira, Antonio Henriques, Manuel de Andrade, Antonio Peixoto, José Pedro, Francisco da Guerra, Isidoro de Almeida, Victorino de Andrade, José Leão, José da Motta, José Soares, Francisco Carvalho, José de Sousa, Manuel de Miranda, João Cortez, Jacintho Nunes, João Rodrigues, José Rodrigues, Diogo Luiz, Vicente de Sousa, Antonio Palhares, José Ribeiro, João Fernandes, Manuel Dias, Manuel de Araujo, Braz Duarte, Thomé Pedroso, Manuel Mendes, Antonio Galvão, Manuel Lourenço, Jeronymo da Cunha, Manuel da Cruz, Manuel Simões, Domingos Rodrigues, Manuel Martins, Romualdo Antonio, Francisco de Sampaio, José Diogo, Domingos Rodrigues, Francisco Xavier, Julião Francisco, José Marinho, José Francisco.

Relação extrahida do auto de entrega de 58 padres da Companhia de Jesus, provenientes de Coimbra, a bordo do navio S. Boaventura, *capitão Jirolamo Lazaronich, em 6 de outubro de 1759.*

João Pereira, José da Fonseca, José de Castello Branco, Bernardo de Oliveira, Diogo José, José de Figueiredo, João Martins, Francisco da Veiga, Francisco Gião, Bernardo Vieira, José Branco, José de Azevedo, Miguel de Almeida, Filippe de Carvalho, Francisco Serra, Thomé Borges, Antonio Pessoa, Antonio Fernandes, Silvestre Aranha, Francisco Homem, Manuel de Seixas, Miguel Rebello, Antonio Leal, José Telles, João de Proença, Joaquim Gomes, João Baptista, Antonio Rodrigues, Francisco de Moura, Ignacio da Silva, Vicente Ferreira, João de Faro, Francisco Ferraz, Isidoro Monteiro, Antonio de Sequeira, Christovam Ribeiro, Manuel Marques, Cypriano Cardozo, João Montanha, José Aranha, José Nunes, Theotonio Rodrigues, Manuel de Padua, Caetano de Almeida, Eleuterio de Sousa, Caetano Moniz, Thomaz de Campos, Paschoal da Silva, João de Amorim, Ventura da Silva, João Monteiro, Manuel Lopes, Luiz Xavier, José da Palma, João Gomes, Manuel Martins, José Gonçalves, Antonio da Cruz.

Alberto Telles.

[1] Todos esses religiosos eram do quarto voto, menos os padres Francisco Pinheiro, José Ribeiro, João Teixeira e Luiz Cardeira.

[1] Eram todos do quarto voto, menos os padres Francisco Henriques, João Farinha, Verissimo Gomes e Antonio de Mira.
[2] Todos do quarto voto.
[3] Idem.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

V

Effectivamente era o Dominguinhos, o filho do Pereira gordo, do Pereira do antigo Erario.

A menina Cleta não exaggerára muito no retrato que d'elle fizera á sua amiga Ignacinha.

O Dominguinhos era um fedelhote, baixo, gordo, redondo: feio como um bode, branco como vitella cosida.

E a sua brancura deslavada fazia com que a imagem de pote de graxa, de que a menina Cleta usára para o synthetisar não fosse lá d'uma rigorosa verdade: com o que elle se parecia mais era com um boião de banha.

Tinha 16 annos muito bem empregados... em largura.

Era espadaudo como um hercules e pequeno como um anão, hombros largos, braços grossos, pernas gordas, cachaceira de frade, cabeça grande, phenomenal, cara larga, chata como de homem-sarrão e um corpo de menino.

No collegio da rua dos Mouros, o Gymnasio-Godinho, onde até então elle fizera os seus estudos, os seus condiscipulos conheciam-n'o pela alcunha de *Cabeça fallante*, e o professor de latim que era muito curto de vista, quando o chamava á lição, dizia-lhe sempre com grande gaudio da rapasiada toda:

—Ponha-se em pé, levante-se, n.º 17!

E o numero 17, o Dominguinhos, ha que tempos que estava em pé coitado!

Mas o professor via aquella cabeça grande a fallar tão perto do chão, que não se podia convencer de que o corpo a que ella pertencia estivesse em pé!

Os collegas faziam-lhe então uma grande troça, e foi d'ahi que o Dominguinhos começou a mostrar um grande odio pela lingua de Virgilio, um rancor tão entranhado, que fez com que elle atirasse de pernas para o ar com os sonhos do sr. Pereira do Erario, seu pae, que consistiam em vêr o seu filho beneficiado da Sé.

E a myopia do professor de latim teve uma grande influencia em toda a vida do Dominguinhos.

Até ali, o rapaz submettera-se docilmente aos desejos de seu pae, conformara-se com o futuro de missas e ladainhas que elle lhe destinava, e estava muito resignado a ser sacerdote.

E n'esta orientação de espirito o pequeno andava sempre mettido pelas egrejas, a assistir ás festas, em ouvindo tocar a Nosso Pae fóra elle lá estava na egreja a vestir a capa encarnada, e em casa, nas horas de recreio, o seu divertimento favorito era dizer missas e improvisar sermões.

Vivia assim muito contente e muito feliz com o futuro que o esperava, tendo por tudo que não fosse festas de egrejas uma profunda indifferença.

O «levante-se n.º 17» do professor de latim, estando elle já em pé, fel-o embirrar com o latim e principiar a cahir em si.

Ao mesmo tempo na aula do 3.º anno de portuguez, os logares selectos do sr. Cardoso iam desdobrando deante dos seus olhos d'adolescente alguns trechos do *Eurico* o *Presbytero*.

O instincto é uma grande cousa.

Ao Dominguinhos, apesar da sua enorme cabeça não furar paredes, cheirou-lhe, que ali por aquellas magnificas paginas de Alexandre Herculano estava algum argumento de peso a favor do seu odio ao latim.

Um dia tirou-se dos seus cuidados e pediu ao seu pae que lhe comprasse o *Eurico*, de Alexandre Herculano.

O sr. Pereira do Erario ficou admirado com este pedido.

Era a primeira vez que o seu filho lhe requisitava um livro.

E com uma grande pedra no sapato foi ter com um seu amigo, versado em litteraturas, perguntar-lhe que demonio de livro era aquelle, se o tal *Eurico* era livro que se pudesse dar a ler a um rapaz serio e bem comportado.

—Ora essa, amigo Pereira! Que pergunta! O *Eurico* é um monumento litterario!

—Ah! é monumento?

—Sim senhor!

—Então posso dal-o ao meu rapaz, sem escrupulos?

—Sem escrupulos nenhuns, é uma obra prima!

E o sr. Pereira fiado absolutamente na sinceridade e capacidade do seu sabio amigo, comprou o *Eurico* e deu-o ao Dominguinhos.

Mas ó demonio que tal fizeste!

Bem diz o dictado que d'onde menos se espera salta a lebre, e a lebre saltou do maravilhoso livro de Alexandre Herculano.

O Dominguinhos tinha cheirado bem.

Leu o Eurico todo e depois, muito ancho, foi ter com o seu pae e declarou-lhe cathegoricamente que não queria estudar latim.

—Não queres estudar latim? repetiu o sr. Pereira assombrado.

—Não senhor.

—Mas então como has de tu saber latim sem o estudares?

—Não quero saber latim.

—Mas como has de tu ser padre sem saber latim?

—Não quero ser padre.

—Não queres ser padre?!

—Não senhor, porque não quero ter atraz de mim o adjectivo rico.

O sr. Pereira olhou para o seu filho cheio de pavor: imaginou que o rapaz tinha endoidecido.

—O adjectivo rico atraz de ti? perguntou elle a tremer.

—Sim senhor. Quero ser Eu... mas não quero ser Eu rico.

O sr. Pereira ficou como estava: sem perceber nada.

Então o Dominguinhos explicou o seu gracioso calemburgo.

—Não quero ser o Presbytero Eurico de que falla este livro!

O pae principiou a perceber.

O Dominguinhos atacou de frente a questão do celibato clerical.

O sr. Pereira nunca fôra homem para discussões. Queria que o filho fosse padre, porque conhecia dois beneficiados e tres conegos que tinham muito de seu e passavam vida regalada, mas o grave e intrincado problema do celibato clerical nunca visitára o seu espirito.

Pela primeira vez o sr. Pereira pensou n'essa occasião em que os padres não podem casar.

E então comprehendeu o motivo da repugnancia do Dominguinhos ao sacerdocio.

—Visto isso não queres ser padre? perguntou elle.

—Não senhor.

—Então o que queres tu ser?

—O que o papá é!

—Empregado do real Erario! exclamou o sr. Pereira, muito admirado. Mas isso não póde ser, pateta! O Erario já acabou, já não ha!

—Não é isso! respondeu rindo o Dominguinhos.

—Não é isto! Mas então o que é que eu sou... e que tu queres tambem ser?

—Pae!

—Ah! queres ser pae!

E achando muita graça ao rapaz, não deixou de lhe achar sua razão.

Entretanto por si sósinho não quiz deliberar.

—Bom! Por ora não te dou resposta definitiva, havemos de pensar n'isso!

E apenas sahiu da sua entrevista paternal, foi ter com o seu amigo versado em litteratura, a consultal-o, não podendo todavia esquivar-se a dar-lhe o seu remoque, por lhe ter dito que não havia perigo em metter nas mãos d'um rapaz o *Eurico* de Alexandre Herculano.

O amigo versado em litteratura deu rasão ao Dominguinhos e achou muita graça á maneira pittoresca como o pequeno expozera, ao pae, as suas repugnancias pela vida clerical e a sua inclinação pela vida de familia.

O calemburgo do Eurico principalmente deu-lhe no goto.

—O rapaz tem um espirito lucido, disse elle, é esperto, é intelligente pelo que vejo!

—Lá isso é! Não degenera, respondeu todo orgulhoso o sr. Pereira.

—Pois sabe a minha opinião, amigo Pereira?

—Não senhor, e era isso que eu lhe perguntava.

—A minha opinião é que faça a vontade ao pequeno; nada de torcer vocações.

—Tambem é a minha!

—Elle não quer ser padre? Pois que não seja padre.

—Pois sim, mas então o que heide fazer d'elle?

—O que elle quer.

—Mas o que elle quer não é profissão! ser pae não é modo de vida?

—D'accordo, mas arranja-lhe uma carreira em que elle possa ser pae á vontade, sem escandalo publico.

—Isso mesmo, mas que carreira ha de ser?

—Olhe o rapaz parece-me intelligente, talentoso. Faça d'elle homem de lettras.

—O que? Fazer do meu filho litterato?

—Sim, é uma carreira muito bonita, veja o Camões, veja o Dante, veja o Torcato, e sem irmos tão longe, veja o Garret, o Herculano, o Castilho cego, o Rebello da Silva...

—Lá isso é verdade! E para quem tem a vocação de pae, essa carreira é excellente, porque além de ser pae de seus filhos, póde tambem ser pae das suas obras.

—Exactamente! Exactamente!

—Mas então o que hei de mandar ensinar ao pequeno?

—Olhe diga-lhe a elle que se aperfeiçoe bem em portuguez, e na Rhetorica e na Poetica.

—E na lettra! É tambem muito bom que elle se aperfeiçoe na calligraphia, que é para depois se entender bem o que elle escrever.

—Sim, as boas lettras como todo o plural, não inutilisam o singular, pelo contrario devem amplial-o.

E foi d'ali em diante que o Dominguinhos, se atirou com unhas e dentes ao portuguez do 3.º anno.

E atirou-se com muita felicidade.

Muito contente por se ver livre da myopia insolente do mestre de latim, mettido em brios pela familia que via já n'elle o Camões do futuro, o Dominguinhos embrenhou-se cheio de ardor e de boa vontade na grammatica Philosophica do Barbosa, nos logares selectos do Cardoso, na Rhetorica do Figueiredo, e fez um brilhante exame de terceiro anno de portuguez no lyceu, sendo muito apertado pelo sr. padre Amado que n'esse tempo era o terror da mocidade lisboeta.

Mas o Dominguinhos sahiu-se triumphantemente de todos esses apertos, e o formoso estylo com que fizera a «Descripção do incendio» que lhe sahira em ponto escripto, a bella voz com que recitára o «Sermão de cinza» do padre Antonio Vieira, que lhe sahira em ponto oral, fizeram sensação no lyceu de S. José, e deram-lhe 19 valores,—approvado com louvor.

Essa approvação fez uma transformação radical no Dominguinhos!

O pequeno entrou para o exame rapaz e sahiu de lá homem!

Até esse dia não fizera senão pensar nos livros; d'ali em diante começou a pensar em si: até esse dia não fizera senão olhar para os logares selectos, d'ahi por deante começou a olhar para a sombra.

(Continúa). *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Concurso de pensionistas de Bellas-Artes. A Academia de Bellas-Artes de Lisboa abriu um novo concurso para dois pensionistas do Estado irem estudar no estrangeiro, sendo um de architectura e outro de pintura de paisagem. Nenhum dos concorrentes deve ter já estudado no estrangeiro. A admissão ao concurso termina no dia 24 do corrente.

Premio aos vinhateiros. A camara municipal do Porto resolveu premiar com um objecto d'arte, de valor não inferior a 100 libras, o viticultor da região do Douro que apresentar melhor vinho do Porto, na secção agricola da exposição industrial.

Homenagem a Oliveira Martins. Os fabricantes de artefactos de malha, da cidade do Porto, offereceram ao digno deputado pelo Porto e distincto escriptor, sr. Oliveira Martins, uma estatueta em bronze, representando o Trabalho, em testemunho de reconhecimento pelos serviços prestados pelo mesmo senhor á industria nacional. A estatueta representa um homem musculoso e de ar severo como quem está afeito ao trabalho incansavel e presistente; sentado em uma bigorna, tem sobre o joelho um livro em que descança a mão direita, na mão esquerda tem um martello de ferreiro, aos pés attributos do trabalho. Na base lê-se em uma placa de latão gravada a seguinte inscripção: *Ao deputado ás cortes portuguezas e notavel defensor do trabalho nacional, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, offerece, em testemunho de reconhecimento, a industria de artefactos de malha.—Porto, maio de 1888.*

Duas estudantes de medicina. Estão estudando na Escola Medica do Porto o curso de medicina as Ex.mas Sr.as D. Laurinda de Moraes Sarmento e D. Amelia de Moraes Sarmento, filhas do sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, digno proprietario do jornal *Actualidade*. As jovens alumnas fizeram exame do segundo anno de medicina e ficaram plenamente approvadas. D'este modo o Porto terá dentro em pouco duas medicas, como é já coisa de ha muito corrente nos Estados Unidos.

Monumento a Thomaz Soller. Quando o malogrado architecto portuense falleceu, em 1883, o *Centro Artistico* do Porto abriu uma subscripção para com o producto d'ella se erigir um modesto monumento funebre ao desditoso artista. Essa subscripção reuniu 47$500 nos primeiros

dias, resolvendo o *Centro Artistico* adial-a para mais tarde, em consequencia de só no fim de cinco annos se poder remover o cadaver. Os cinco annos concluem agora e por isso agora se vae continuar a subscripção para o pequeno monumento tumular.

Exposição de Bellas-Artes em Braga. Para o proximo inverno projecta-se uma exposição de bellas-artes, no *Atheneu Commercial de Braga*. A exposição constará só de obras nacionaes em pintura, esculptura desenho e gravura.

Abolição do Duello na Italia. No parlamento italiano apresentou-se um projecto de lei para a abolição do duello. Esse projecto é concebido nos seguintes termos: «O que provocar alguem para duello será castigado com 3 mezes de prisão, ainda mesmo que a provocação não tenha sido acceite e não tenha tido logar o duello, sendo, porém, o offendido pagará apenas 90:000 réis de multa;—o que se tiver batido em duello, ainda que não haja ferimentos, soffrerá 6 mezes de prisão;—o que mate ou fira mortalmente a outro em duello incorrerá na pena de 20 mezes a 5 annos de prisão, e no caso de ferimento menos grave 6 mezes a 2 annos de prisão;—os que transmittirem a provocação a duello soffrerão egual pena que o provocador, excepto se evitarem o duello;—as testemunhas do duello soffrerão 1 mez de prisão, e se do duello resultar ferimento ou morte 18 mezes;—o que injurie publicamente um individuo que se tenha recusado a bater-se será castigado com a pena de 1 mez a 1 anno de prisão.»

Opera nova. O distincto maestro brazileiro Carlos Gomes concluiu a sua nova opera *O Escravo*.

Novidade litteraria. O sr. Monteiro Ramalho, distincto collaborador litterario do Occidente, auctor do livro *Contos da Montanha*, vae publicar em breve um segundo livro de contos, inspirados na vida rustica das provincias do norte, que elle tem estudado com toda a verdade local, e de que os *Contos da Montanha* são a mais brilhante affirmação.

Obras ineditas de Wagner. Foram encontrados entre os papeis do rei Luiz da Baviera, que falleceu o anno passado, os originaes de duas operas de Wagner, que não eram conhecidas. Estas operas intitulam-se, uma *Fantasma* e a outra *Defeza d'amor*. São ambas das primeiras producções de Wagner, mas nem por isso são consideradas inferiores a outras obras do mesmo auctor. O *Fantasma*, cuja musica tem muitas reminiscencias do *Riensi*, vae ser brevemente representado no theatro da Opera de Munich; tem tres actos e foi dedicado pelo auctor ao rei Luiz, seu amigo e admirador enthusiasta. A *Defeza d'amor* tambem será representada; tem tres actos e foi feita pelos annos de 1833 e 1834.

Polvora de papel. Na fabrica de polvora de Wetteren tem-se fabricado uma polvora feita de papel, que tem dado os melhores resultados. Duas grammas e meia de carga d'esta polvora, imprime ao projectil d'uma espingarda de pouco calibre a velocidade de 600 metros, o que é importante, tendo a vantagem de não sujar a espingarda, de produzir pouco fumo e de ter menos recúo a arma, do que com a polvora ordinaria.

AFRICA PORTUGUEZA—um barco de pescadores de Loanda

(Segundo uma photographia de Moraes)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O caminho do Bem, *romance de costumes* por Henrique Peres Escrich, traducção livre, Empreza Litteraria e Typographica, editora, Porto, 1888. Um bello romance em 4 volumes, de Escrich, um dos mais fecundos romancistas da litteratura hespanhola, e cujas obras tem sido traduzidas em portuguez e formado uma collecção sob o titulo de *Bibliotheca da cura de Aldeia*, collecção vantajosamente conhecida no paiz. O *Caminho do Bem* não desmerece dos creditos dos outros romances de Escrich, extremamente moral, deleitando sem corromper, qualidade que distingue as obras d'este auctor e que o faz o romancista estimado das familias.

Novo Methodo Pratico para aprender a ler, escrever e fallar a lingua franceza, *devidido em duas partes: leitura e conversação* por Jacob Bensabat, Livraria Portuense de Lopes & C.ª successores de Clavel & C.ª, editores, Porto, 1888. Um volume de 250 paginas in 8.º O auctor d'este livro que o é tambem d'outros de instrucção primaria e secundaria, teve em vista o facilitar quanto possivel o estudo pratico da lingua franceza para os portuguezes. Para isso criou um methodo seu, filho da pratica, em que vai instruindo gradualmente o estudante na lingua franceza, procurando todas as approximações das duas linguas. É, pois, muito pratica a elaboração d'este livro, que não duvidamos recommendar aos que quererem estudar a lingua franceza.

Annuaire de la Société Academique Franco—Hispano Portugaise de Toulouse, *subventionnée par le Ministère de l'Instruction publique, par le Conseil General de la Haute-Garonne et par le Conseil Municipal de la ville de Toulouse, année 1887-1888*. Este annuario contém a lista dos membros honorarios, correspondentes e titulares d'esta sociedade, relação das sociedades com quem tem correspondencia, regulamento annexo aos estatutos etc. Acompanha o annuario o boletim n.º 1 relativo ao anno corrente o qual insere um estudo de Mr. Léonce Cazaubon a respeito das obras de Carmen Sylva, pseudonimo da rainha Izabel da Romania. A Academia de França, sobre proposta de M. Legouvé, resolveu conferir uma medalha de ouro á illustre princeza litterata, pelo seu livro *Pensees d'une Reine*.

Album de Costumes Portuguezes, David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 2 e 3 com o rapaz de *Palitos* e *Rocas* aguarella por Columbano Bordallo Pinheiro e *O ferro velho*, aguarella por Manuel de Macedo. Ambos os fasciculos são acompanhados com artigos de Julio Cesar Machado. Muito bem.

Typ. Castro Irmão—Rua do Marechal Saldanha 31—Lisboa